

Campo jornalístico e seleção noticiosa: uma leitura da concepção de noticiabilidade a partir da sociologia dos campos de Pierre Bourdieu¹

Marcos Paulo da Silva²

Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)

Resumo

A proposta do artigo é revisitar o debate teórico a respeito do conceito de noticiabilidade buscando sua leitura a partir de um quadro de referência próprio da sociologia dos campos de Pierre Bourdieu. Parte-se de uma abordagem introdutória sobre as dimensões clássicas do conceito para, na sequência, inserir as contribuições epistemológicas e conceituais do sociólogo francês. Procura-se pontuar algumas das mais significativas discussões teóricas propiciadas por Bourdieu em sua trajetória acadêmica, bem como algumas das principais críticas que recebe no âmbito das ciências sociais, abordando, em seguida, suas noções de campo e *habitus*. O objetivo é articulá-las, ao fim, no entendimento da atividade jornalística, especificamente no que tange a prática de seleção noticiosa.

Palavras-chave: jornalismo, noticiabilidade, campo jornalístico, *habitus*

Introdução

Construído historicamente a partir de contribuições teóricas que se tornaram referenciais na compreensão do jornalismo como prática social, o conceito de noticiabilidade localiza-se numa espécie de zona de tensionamento e segue como foco de controvérsias no campo acadêmico. Conforme alerta Traquina (2008, p. 62), diversos estudos demonstram ainda nos dias atuais que os jornalistas têm uma enorme dificuldade em explicar o que é notícia e quais são seus critérios de noticiabilidade para além de respostas vagas do tipo “o que é importante” e/ou “o que interessa ao público”. Na contramão das controvérsias, o próprio autor português oferece sua definição para o conceito: trata-se de um conjunto de critérios e operações que fornecem a um determinado acontecimento a aptidão de merecer um tratamento jornalístico; isto é, de possuir valor como notícia (TRAQUINA, 2008, p.63).

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM 2012, Fortaleza-CE.

² Doutorando em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), com estágio de doutorado-sanduíche (PDEE/CAPES) pela Syracuse University (Syracuse, New York, Estados Unidos). Jornalista e mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: silva_mp@uol.com.br

A definição conceitual de noticiabilidade, contudo, não elimina o campo jornalístico de uma das principais indagações sobre o assunto: como ocorre a definição de tais critérios ou, em outros termos, como os acontecimentos, de fato, são transformados em notícia? Nesse cenário, entende-se que o conceito de noticiabilidade ainda pode ser complementado a partir do aprimoramento teórico dos critérios que antecedem e caracterizam a seleção de notícias. É neste contexto que se insere o presente trabalho. Com a proposta de projetar um olhar diferenciado à discussão, ancora-se na perspectiva da teoria social de Pierre Bourdieu. O objetivo é revisitar o debate teórico a respeito da noticiabilidade, buscando a compreensão de seus processos no interior de um quadro de referência próprio da sociologia dos campos elaborada pelo sociólogo francês desde a década de 1970. Para tanto, como forma de orientar a discussão, reconhece-se como hipótese a existência dos critérios de noticiabilidade como um tipo particular de representação simbólica incorporada ao *habitus* do campo jornalístico. Pretende-se, desse modo, trabalhar as noções de *habitus* e campo de Bourdieu como chaves-explicativas alternativas às categorias clássicas consolidadas nos estudos acadêmicos sobre noticiabilidade no jornalismo.

Para situar a discussão: as dimensões clássicas da noticiabilidade

São inúmeros os estudos clássicos sobre a noticiabilidade caracterizados por suas diferentes abordagens em momentos históricos distintos. Entre eles, destacam-se obras como a famosa tese do erudito alemão Tobias Peucer³, defendida no final do século XVII na Universidade de Leipzig e considerada o primeiro texto a abordar a noção de noticiabilidade no mundo ocidental; e a tipologia de inspiração matemática apresentada na década de 1960 pelos pesquisadores dinamarqueses Johan Galtung e Mari Holmboe Ruge (1965), uma das primeiras sistematizações formais sobre o assunto. Tais elaborações conceituais, em que pesem o longo hiato temporal entre elas e as limitações intrínsecas dos contextos históricos em que estão inseridas, são significativas, entre outros aspectos, por remeterem a um traço comum: ambas reforçam as características do “desvio” como dimensão clássica da noticiabilidade.

Outras sistematizações mais recentes e também respaldadas pelos estudos acadêmicos do jornalismo auxiliam na tarefa de introduzir novas diferenciações à

³ O estudo de Tobias Peucer foi traduzido para a língua portuguesa por Paulo da Rocha Dias e publicado na Revista Comunicação & Sociedade, da Universidade Metodista de São Paulo. Ver: Peucer (2000). O estudo também tem suas principais partes comentadas no texto “Tobias Peucer: o progenitor da Teoria do Jornalismo”, de Jorge Pedro Sousa, publicado no Brasil pela Universidade Federal de Santa Catarina. Ver: Sousa (2004).

discussão. Herbert Gans (2004)⁴, nos Estados Unidos, por exemplo, vincula a suposta existência de critérios norteadores da atividade noticiosa aos valores de natureza ideológica que são partilhados pelos jornalistas. No contexto europeu, o italiano Mauro Wolf (2003)⁵ e o português Nelson Traquina (2009) destacam que os valores envolvidos na seleção das notícias (os denominados valores-notícia, que são elencados pelos autores em uma volumosa lista) estão presentes no decorrer de toda a dinâmica de produção noticiosa: da escolha dos eventos noticiáveis à construção de sua narrativa. Já a pesquisadora norte-americana Pamela Shoemaker (1996) incorpora também à questão da noticiabilidade, para além de seu aspecto de “desvio”, a ideia de “significância social”.

Os avanços conceituais relatados⁶ – dentre outros, todos essenciais aos debates contemporâneos sobre a atividade jornalística –, contudo, não reduzem a pertinência da hipótese de fundo que orienta a presente discussão: a de que os critérios de noticiabilidade constituem um tipo particular de representação simbólica incorporada ao *habitus* do campo jornalístico – um modo particular de interiorização simbólica das complexas estruturas socioculturais presentes na sociedade. Visa-se, portanto, a valorização de uma problemática mais ampla, de ordem sociocultural, que possa vincular-se ao entendimento do jornalismo como uma peça-chave nos processos de construção simbólica do cotidiano. É neste contexto que se colocam as contribuições teóricas de Bourdieu.

Pierre Bourdieu: formulações teóricas x críticas epistemológicas

Como forma de aproximar a obra de Pierre Bourdieu do foco central deste artigo, valoriza-se aqui algumas de suas formulações teóricas mais emblemáticas como chaves-explicativas alternativas às categorias clássicas de noticiabilidade consolidadas nos estudos do jornalismo. Nome proeminente no âmbito da Sociologia e da teoria social, Bourdieu é reconhecidamente um dos intelectuais que mais atingiu projeção no ocidente nas últimas décadas. A relevância de sua obra para as ciências sociais pode ser avaliada, entre outros parâmetros, pelo grande número de citações que recebe em revistas acadêmicas internacionais, fato que projeta seu trabalho ao estatuto de uma verdadeira escola de pensamento (MARTINS, 2004, p.63). Falecido em 2002, o autor elaborou sua teoria em

⁴ O livro *Deciding what's news: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time*, de Herbert J. Gans, foi originalmente publicado em 1979 e tornou-se uma das referências para os estudos sobre jornalismo no contexto norte-americano. Utiliza-se neste estudo a edição ampliada comemorativa ao 25º. aniversário da publicação original. Ver: Gans (2004).

⁵ O texto original “Teorias da comunicação”, de Mauro Wolf, data de 1985. Utiliza-se neste trabalho a edição em língua portuguesa de 2003. Ver: Wolf (2003)

⁶ Ver também: Silva (2005).

torno de questões que podem ser reunidas na idéia de uma “sociologia dos campos”. Ou seja, na concepção do sociólogo, em suma, a compreensão do mundo social e de suas problemáticas intrínsecas perpassa três conceitos fundamentais: o de campo, o de *habitus* e o de capital.

Apesar da reconhecida importância que obtém na pesquisa social, Pierre Bourdieu – por flertar com propostas teóricas ancoradas na corrente de pensamento estruturalista nos primeiros anos de sua produção acadêmica – também recebe notáveis críticas sustentadas no argumento de um possível reducionismo analítico em sua conceituação. Tais críticas, em geral, remetem à maneira como o sociólogo postula a precária autonomia dos sujeitos no interior de um campo previamente estruturado. Em “Questões de sociologia”, obra do início da década de 1980, por exemplo, ao apresentar o conceito de campo como “espaços estruturados de posições”, o autor coloca em evidência a relação entre estrutura e sujeito, sugerindo a frágil autonomia dos indivíduos no interior desses espaços sociais. As mesmas críticas recaem sobre o conceito de *habitus* – entendido, de modo sumário, como a objetivação do exterior estruturado nas atitudes subjetivas dos sujeitos. Constatações dessa natureza, embora muitas vezes inseridas numa leitura que interpreta positivamente a obra de Bourdieu como responsável pela renovação dos estudos contemporâneos da cultura, servem, ao mesmo passo, como munição para análises de cunho crítico.

Tal tendência crítica pode ser verificada, por exemplo, em análises como a de Maurício Vieira Martins (2004) sobre os limites do conceito de “campo literário” de Pierre Bourdieu⁷. Fatalmente, a crítica estabelecida por Martins (2004) – tomada aqui como índice de um conjunto maior de análises que observam limitações estruturalistas nas contribuições de Bourdieu – encontra terreno fértil na aparente simplicidade da teoria geral dos campos. Contudo, merece importância a ressalva de que os conceitos elaborados por Bourdieu – sobretudo as noções de campo e *habitus* aqui trabalhadas – não são estanques, mas lapidados pelo autor no decorrer de sua trajetória intelectual. Nesse sentido, durante sua produtiva vida acadêmica, o sociólogo é cuidadoso ao rebater tais críticas e ao defender seus conceitos – assumidamente gerais – no âmbito da atividade científica voltada ao mundo social.

⁷ No análise em questão, Maurício Vieira Martins problematiza o que considera a “insurgência enfática” de Pierre Bourdieu contra a autonomia de um sujeito no interior de um campo específico. Para detalhes, ver: Martins (2004).

Estrutura x sujeito: o olhar de Bourdieu

Em “A gênese dos conceitos de *habitus* e campo”, texto no qual procura localizar epistemologicamente a origem de seu pensamento, Bourdieu (2009a) estabelece críticas à pesquisa teórica que não busca projeção na realidade empírica. O sociólogo reconhece, nesse cenário, a necessidade de novas leituras para conceitos já estabelecidos no campo científico – caso de suas definições de *habitus* e campo. Bourdieu defende que tais noções teóricas, quando aplicadas em novos objetos, podem representar “atos tão inventivos” quanto suas aplicações conceituais originais. Em consequência, também critica o que considera a busca incessante pela originalidade na pesquisa teórica – ou, em suas palavras, “a procura da originalidade a todo o custo, frequentemente facilitada pela ignorância e a fidelidade religiosa a este ou àquele autor canônico que leva à repetição ritual” (BOURDIEU, 2009a, p.63).

A leitura que Pierre Bourdieu faz dessa conjuntura pode ser entendida como uma resposta ao rótulo de “reducionismo mecânico” que recai sobre seus conceitos. Para o teórico francês, a gênese de suas noções de *habitus* e campo segue um caminho paradoxalmente contrário a esse tipo de argumentação – em outros termos, trata-se exatamente de uma resposta crítica ao pensamento estruturalista (que reduz os agentes ao papel de suporte de uma estrutura maior). Conforme expõe o sociólogo (2009a, p.72), as críticas de que sua teoria é reducionista compartilham uma incompreensão do que precisamente a noção de campo tem em vista explicar: as lutas localizadas no campo intelectual têm o poder simbólico como coisa em jogo, ou seja, o que nelas está em disputa é o poder sobre um uso particular de uma categoria particular de sinais. São os sistemas simbólicos, portanto, que constituem o foco das preocupações de Bourdieu.

Um campo, nessa perspectiva, distante de uma estrutura reducionista, passa a configurar um microcosmo regido por suas posições – constantemente tensionadas – no “mercado das trocas simbólicas”. Por possuírem jogos próprios de tensões e uma determinada irreducibilidade frente aos demais, os campos são também interpretados como estruturas sociais específicas – “donde a análise da história do campo ser, em si mesma, a única forma legítima da análise de essência” (BOURDIEU, 2009a, p. 71). Para Lavina Madeira Ribeiro (2004), “a história social de cada campo encontra-se nas ações e nos feitos dos seus integrantes, em suas diferenciadas posições no interior do campo e nas lutas concorrenciais que estabelecem” (RIBEIRO, 2004, p. 54-55). Dessa forma, a história de suas obras ou bens produzidos passa a coincidir com a história dessas lutas, “e não pode ser

descrita independentemente delas” (RIBEIRO, 2004, p. 55). Na visão da autora, um campo define-se como “um mercado de permutas lingüísticas, de trocas de capitais, que também se expressam como relações de poder” (RIBEIRO, 2004, p.55). Por sua vez, Sérgio Miceli (2003) retoma a noção de “microcosmo social” para abordar o conceito: “o campo equivale a uma estrutura de trocas sociais, dependente de disposições que fazem operar o sistema simbólico que lhe é inerente, ajustado às regras que o definem e que se impõem aos agentes com a força de um constrangimento lógico e social” (MICELI, 2003, p. 72). Para o autor, os diferentes campos (filosófico, literário, artístico, jurídico, religioso, científico, jornalístico, entre outros), como microcosmos, constituem mundos sociais idênticos e, ao mesmo passo, universos de exceção.

A noção de campo também se articula diretamente com o conceito de *habitus* cunhado por Bourdieu. Um campo representa, nesse sentido, um “ponto de vista” do qual se pode captar “posições produtoras de visões, obras e tomadas de posição, a que correspondem classes de agentes providos de propriedades distintivas, portadores de um *habitus*, também socialmente construído” (MICELI, 2003, p. 65). Para o próprio Bourdieu (2009a, p. 60), novamente em combate contra uma possível rotulação de reducionista, a noção de *habitus* exprime a recusa a toda uma série de alternativas nas quais a ciência social – na visão do sociólogo – acaba por se encerrar: “a da consciência, a do inconsciente, a do finalismo e a do mecanicismo”. Assim, o *habitus* pode ser visto como “um conhecimento adquirido e também um *haver*, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista); o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural” (BOURDIEU, 2009a, p. 61). Ou, como revela o autor em “A economia das trocas simbólicas”, trata-se de um conjunto das disposições inconscientes que estão presentes em diferentes sujeitos, levando-se em conta que tais disposições são resultado da “interiorização de complexas estruturas objetivas presentes numa sociedade” (BOURDIEU, 1974, p. 201). Ainda além, o conceito de *habitus* de Bourdieu recupera duas características da noção aristotélica de “hábito”, ou seja, além de ser “socialmente construído”, remete a um saber incorporado que dispensa “a ação calculadora da consciência” (BARROS FILHO e MARTINO, 2003). Trata-se, por conseguinte, do elemento que permite a operacionalização dos sistemas simbólicos no interior dos campos sociais – a exemplo do campo jornalístico, foco adotado pela discussão a partir de agora.

O campo jornalístico e seleção noticiosa

Esboçadas algumas das principais contribuições epistemológicas trazidas à pesquisa social por Bourdieu e lançados ao debate os conceitos que viabilizam sua teoria dos campos, abre-se espaço para o questionamento central deste trabalho: de que maneira as reflexões da sociologia dos campos elaborada pelo sociólogo francês pode contribuir para os estudos da noticiabilidade no jornalismo?

Certamente, essa articulação não foge ao fio condutor até então apresentado, sobretudo em referência às conceituações expostas. Em sua vasta produção reflexiva, Bourdieu também reserva espaço para considerações pertinentes sobre a atividade jornalística e o funcionamento dos meios de comunicação. Desse modo, reassume a postura acadêmica de reaplicar sua conceituação da teoria geral dos campos em novos objetos – tornando-os “tão inventivos quanto suas aplicações conceituais originais” (BOURDIEU, 2009a, p. 63). Tais reflexões, que, portanto, devem ser compreendidas no contexto mais amplo de sua atividade intelectual, podem ser projetadas no debate sobre a problemática da seleção de notícias.

Em seu estudo sobre a televisão, realizado já na década de 1990, Bourdieu (1997) retoma o conceito de campo para delinear algumas das particularidades que marcam a atividade jornalística. Ao pensar o funcionamento dos meios de comunicação, o autor define:

Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias. (BOURDIEU, 1997, p. 58).

Nessa perspectiva, o campo jornalístico é encarado pelo autor como um espaço em constante tensionamento – “um microcosmo que tem leis próprias e que é definido por sua posição no mundo global e pelas atrações e repulsões que sofre da parte dos outros microcosmos” (BOURDIEU, 1997, p. 55). No ponto de vista do sociólogo, o entendimento do campo jornalístico como autônomo consiste necessariamente no reconhecimento de que sua compreensão não pode ser pensada de maneira direta como resultante de fatores externos. Tal posição teórica é conflitiva, logo em primeira instância, com os modelos explicativos de caráter determinista, como os de cunho político ou econômico, por exemplo

– este último associado a determinadas interpretações da tradição marxista dogmática que, nas palavras do próprio Bourdieu (1997, p. 56), “denuncia sem esclarecer nada”. Em contrapartida, aponta o autor, a atividade jornalística requer uma compreensão própria a partir do entendimento específico de suas tensões:

A concorrência econômica entre as emissoras ou os jornais pelos leitores e pelos ouvintes ou, como se diz, pelas fatias de mercado realiza-se concretamente sob a forma de uma concorrência entre os jornalistas, concorrência que tem seus desafios próprios, específicos, o furo, a informação exclusiva, a reputação na profissão, etc, e que não se vive nem se pensa como uma luta puramente econômica por ganhos financeiros, enquanto permanece sujeita às restrições ligadas à posição do órgão de imprensa considerado nas relações de força econômicas e simbólicas. (BOURDIEU, 1997, p. 57-58).

Assume-se, nesse contexto, que as particularidades do campo jornalístico apresentadas por Pierre Bourdieu (1997) podem ser essenciais em diferentes aspectos para o entendimento dos processos de seleção e de construção das notícias, debate que dialoga no plano teórico com a concepção de noticiabilidade. Um primeiro aspecto consiste no próprio modo de operacionalização da atividade noticiosa no interior do campo jornalístico. Nesse sentido, o sociólogo francês chama atenção para o fato de a estrutura dos meios de comunicação estabelecer-se socialmente em consonância com a ideia de uma “ordem simbólica consensualmente estabelecida” – ou, nos termos aristotélicos, em torno da concepção de *doxa*. Tal operação pode ser observada em paralelo com as reflexões de Roland Barthes (1988), que observa o discurso do jornalismo convencional como um modelo de discurso “enclítico” – isto é, inscrito socialmente em consonância com a noção de *doxa* –, ou com as reflexões de Muniz Sodré (2009) sobre relação entre jornalismo e senso comum. Para o autor brasileiro, embora o senso comum estabeleça-se no campo do sensível (em oposição ao conhecimento sistemático, à *episteme*), a atividade jornalística atua de modo a não desprezar o conhecimento *doxal*, aspecto que se faz necessário na construção de um sentido de *pertencimento à comunidade*.

Além disso, especificamente sobre a questão da noticiabilidade, Pierre Bourdieu (1997, p.25) recorre a uma metáfora: a dos óculos. Os óculos – que podem ser compreendidos como uma articulação simbólica no interior do *habitus*, espécie de “social incorporado” – são utilizados pelo teórico para explicar as seleções realizadas pelos jornalistas em função de categorias que lhes são próprias. Nos termos do autor, “os jornalistas têm ‘óculos’ especiais a partir dos quais veem certas coisas e não outras; e veem

de certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado” (BOURDIEU, 1997, p. 25). Esse processo, no entanto, não escapa de um importante paradoxo: a homogeneização da informação que contraditoriamente é resultante do processo de concorrência em busca do furo jornalístico. Nas palavras de Bourdieu:

O extra-ordinário é também e sobretudo o que não é ordinário com relação aos outros jornais. É o que é diferente do ordinário e o que é diferente do que os outros jornais dizem do ordinário, ou dizem ordinariamente. É uma limitação terrível: a que impõe a perseguição do furo. Para ser o primeiro a ver e a fazer alguma coisa, está-se disposto a quase tudo, e como se copia mutuamente visando a deixar os outros para trás, fazer antes dos outros, acaba-se por fazerem todos a mesma coisa. (BOURDIEU, 1997, p. 26-27).

No campo jornalístico, portanto, a busca da exclusividade, que em outros campos pode produzir a originalidade, acaba por resultar, na visão de Bourdieu (1997), na uniformização e na banalização. Detalha-se: na prática profissional, jornalistas convivem coletivamente, andam em grupos e partilham experiências e narrativas – trata-se, como na metáfora de Nelson Traquina (2008), de uma espécie de “matilha” que caminha para a homogeneização enquanto persegue o furo noticioso.

A noticiabilidade como representação simbólica do *habitus* jornalístico

Todavia, para além das considerações específicas sobre o campo jornalístico realizadas de maneira ensaística na obra “Sobre a televisão” (BOURDIEU, 1997), entende-se, aqui, que as formulações teórico-conceituais gerais de Pierre Bourdieu podem ser ainda mais enfáticas na compreensão das inúmeras operações simbólicas presentes na atividade jornalística – com destaque para os processos de seleção noticiosa, foco deste trabalho.

Avança-se: de acordo com as reflexões do sociólogo francês, o conceito de campo jornalístico, entendido como “microcosmo autônomo”, pode também ser compreendido a partir de seus “mecanismos de autopreservação”, ou seja, a partir dos mecanismos socialmente incorporados que se reúnem em torno de dois aspectos centrais: a contundente autocrítica do campo e a defesa incessante das críticas externas (BARROS FILHO E SÁ MARTINO, 2003, p.112-113). Assim, ao passo que o discurso de autocrítica do campo possibilita – no plano simbólico – a impressão de independência e autonomia, a defesa das críticas externas, por outro lado, corporifica um discurso de autolegitimação sustentado na suposta defesa do “interesse público”. Por sua vez, as práticas profissionais propriamente ditas, a exemplo dos “mecanismos de autopreservação” do campo, também podem ser

observadas a partir de critérios nem sempre estabelecidos de formas objetivas e mensuráveis. Dessa maneira, apresentam-se como consequências de ações anteriores (representações simbólicas incorporadas) e com efeitos objetivados (orientados em seus sentidos práticos). O *habitus* profissional é, então, entendido como uma espécie de “princípio gerador e regulador das práticas cotidianas” dos jornalistas (BARROS FILHO e MARTINO, 2003, p.115).

Em perspectiva semelhante, Robert Darnton (1990) destaca a necessidade de entendimento da prática noticiosa no interior de um conjunto próprio de relações simbólicas incorporadas às rotinas profissionais dos jornalistas. O historiador americano situa o jornalismo no limiar de um sistema de valores previamente compartilhado a partir de padrões culturais vigentes. Em outros termos, consiste no reconhecimento de que a produção jornalística busca sempre respaldo em concepções culturais prévias que influenciam e são influenciadas (num jogo dinâmico) pela atividade de seleção noticiosa. Conforme as reflexões de Darnton (1990, p.87), o jornalismo possui uma espécie de “mitologia própria” culturalmente incorporada à sua rotina produtiva, sendo que os jornalistas “aprendem depressa a ler o sistema de *status* e não têm dificuldades em escolher modelos de identidade positivos e negativos”. Ainda além, assimilam com precisão princípios como “imperturbabilidade, precisão, velocidade, esperteza, firmeza, pragmatismo e energia” (DARNTON, 1990, p.89).

Robert Darnton supõe ainda uma modalidade própria de incorporação do capital simbólico compartilhada no interior do campo jornalístico. Assim, o “furo” e o *dead-line*, entre outras representações culturais, são vistos como pontos fulcrais de nivelamento no mercado das trocas simbólicas do campo. Tal reflexão permite também que os critérios de noticiabilidade sejam entendidos muito mais como representações simbólicas incorporadas ao *habitus* profissional do jornalismo do que como elementos objetivos supostamente retirados da realidade (segundo pressupõem as concepções clássicas a respeito do assunto). O conteúdo de um dado veículo, portanto, longe de ser enquadrado deterministicamente nas imposições econômicas ou nas limitações técnicas de seu suporte (como pregam algumas das mais representativas correntes teóricas da comunicação), deve – de fato – “caber em concepções culturais prévias relacionadas com a notícia” (DARNTON, 1990, p.96).

Como manifestação concreta dessas operações simbólicas, pode-se considerar as próprias notícias de variedades pensadas por Pierre Bourdieu (1997). Tais notícias – “receptíveis por todo tipo de público” – são originadas a partir de acontecimentos que o

teórico francês denomina de “fatos-ônibus”, ou, em outros termos, fatos que “não devem chocar ninguém, que não envolvem disputa, que não dividem, que formam consenso, que interessam a todo mundo, mas de um modo tal que não tocam em nada de importante” (BOURDIEU, 1997, p. 22-23). O consenso, nesse caso, explica Bourdieu (1997, p. 23), resulta do interesse genérico em acontecimentos sem consequências nas vidas das pessoas e, principalmente, por ocupar tempo “que pode ser empregado para dizer outra coisa”.

Tal olhar para a noticiabilidade a partir dos conceitos de campo e *habitus* de Bourdieu, enfim, permite uma ampliação de perspectiva frente à compreensão da questão a partir de seus processos técnico-operacionais – sejam aqueles vinculados às *categorias desviantes* ou, nos termos de Shoemaker (1996), às dimensões teóricas da *significância social*. Pelo ponto de vista aqui adotado, todas essas categorias (ou “óculos”, para fazer uso da metáfora de Bourdieu) devem ser compreendidas no contexto próprio dos tensionamentos do campo jornalístico. Como microcosmo autônomo, o campo jornalístico requer reflexões próprias no entendimento de suas dinâmicas.

Considerações finais

Embora preocupado com as especificidades do campo jornalístico, em especial com a problemática da seleção de notícias, o debate conduzido até aqui se configura também como uma espécie de leitura crítica da obra mais geral de Pierre Bourdieu. Tal opção metodológica é compreensível e justificável: o modo como o sociólogo francês estrutura sua conceituação genérica ao longo de sua trajetória intelectual é “determinante” (para utilizar um termo paradoxal) para a viabilização do olhar pretendido sobre a atividade jornalística propriamente dita. Pierre Bourdieu estabelece uma teoria geral, ampla, denominada de sociologia dos campos, e defende – numa postura intelectual – a rearticulação de seus conceitos em novos objetos. Faz ressalvas, no entanto, à projeção mecânica de tais recursos em novas realidades sociais. Reside neste ponto, talvez, a maior parte das críticas epistemológicas que recebe: a de reducionista, “inquisidor enfático” da autonomia dos sujeitos frente às estruturas mais amplas. Não cabe, no contexto deste trabalho, defesas acaloradas ao sociólogo – que, como demonstrado, utiliza-se de sua vasta obra e longa trajetória para lapidar seus conceitos e justificar suas opções teóricas. O que, de fato, deve ser ressaltado aqui são as chaves explicativas oferecidas por Bourdieu para a compreensão da noticiabilidade no jornalismo.

Especificamente sobre a atividade comunicacional, Pierre Bordieu, entre outras reflexões de fôlego, apresenta a noção de campo jornalístico e a necessidade de sua compreensão como microcosmo autônomo (com seus tensionamentos intrínsecos que resultam em categorias próprias de seleção de notícias). Nesse sentido, há ao menos quatro questões teóricas já recuperadas nesta discussão que merecem ser aqui sublinhadas: a) a disseminação social da atividade noticiosa em consonância com a ideia aristotélica de *doxa* (ou “senso comum”); b) a relação entre tal “ordem simbólica comumente consensuada” – intrínseca ao campo – e os processos simbólicos – aparentemente contraditórios – de uniformização do conteúdo noticioso; e, por fim, c) os mecanismos de autolegitimação e autopreservação do jornalismo que viabilizam tais operações e; d) se disseminam a partir de representações simbólicas incorporadas ao *habitus* do campo. Admite-se, assim, sobretudo em termos de problematização, que tais questões teóricas apresentam-se como chaves-explicativas alternativas e viáveis para o entendimento dos processos de seleção noticiosa quando comparadas ao enquadramento automático do conteúdo noticioso em categorias delimitáveis de critérios de noticiabilidade. Nesse contexto, em que pesem as pertinentes contribuições de classificações para tais critérios – das elaborações clássicas aos aprimoramentos mais contemporâneos de caráter sociológico –, reconhece-se que os conceitos cunhados por Pierre Bourdieu podem proporcionar um arcabouço teórico diferenciado para o entendimento da complexidade simbólica dos processos de seleção noticiosa.

Nesse sentido, a concepção de *habitus* proposta pelo sociólogo consiste numa chave para explicar o modo (operacionalização) como os padrões culturais intrínsecos na sociedade são transcodificados e disseminados na prática noticiosa. Tal como abstraído das reflexões de Darnton (1990), reconhece-se a existência de critérios de noticiabilidade como um tipo particular de representação simbólica incorporada ao *habitus* do campo jornalístico: um modo particular do “social incorporado”, ou, nas palavras de Bourdieu, de “interiorização de complexas estruturas objetivas presentes numa sociedade”. Finalmente, as elaborações conceituais propostas pelo sociólogo francês abrem frutíferas possibilidades de diálogos com outras formulações teóricas no entendimento da atividade jornalística e, particularmente, da prática de seleção noticiosa. A noção de *habitus*, por exemplo, ao realizar a função de estrutura intermediária, proporcionando a mediação entre as “condições objetivas de funcionamento de uma sociedade” e as “aptidões subjetivas de seus membros”, pode ser posta em diálogo, num plano discursivo, com a proposta teórica de Patrick

Charaudeau. O entendimento da concepção de noticiabilidade a partir das contribuições Charaudeau (2003) significa valorizar, entre outros aspectos, a relação entre a estruturação dos acontecimentos noticiosos e a tematização do espaço público, bem como – e principalmente – a articulação entre os aspectos situacionais (contextuais) e lingüísticos (no plano autoral) que se mobilizam na formulação do discurso informativo – ao que parece encaixar-se o entendimento do *habitus* de Bourdieu. Por sua vez, a relação entre a atividade jornalística e a tematização simbólica do espaço público posta em debate por Bourdieu e Charaudeau também pode ser problematizada em diálogo com um terceiro teórico francês já citado neste trabalho: Roland Barthes. Tanto Bourdieu, ao tratar da articulação do poder simbólico no interior dos campos, quanto Barthes (1988), no entendimento dos chamados “discursos encráticos”, remetem à noção aristotélica de *doxa*, ou seja, à materialização da opinião corrente consensual, espécie de ordem simbólica previamente estabelecida. Localiza-se nesses potenciais diálogos, portanto, uma possível compreensão da seleção noticiosa como prática cultural mais ampla que colabora para um tipo próprio de ordenamento simbólico do cotidiano – representação que passa a ser primordial no interior do *habitus* do campo jornalístico.

Referências bibliográficas

- BARROS FILHO, Clóvis de, MARTINO, Luís Mauro Sá. **O habitus na comunicação**. São Paulo: Paulus, 2003.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 12.ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **Outline of a theory of practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 12.ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2009.
- CHARAUDEAU, Patrick. **El discurso de la información: la construcción del espejo social**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2003.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução.** São Paulo: Companhia das letras, 1990.

GALTUNG, Johan, RUGE, Mari Holmboe. **The structure of foreign news: the presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four Norwegian newspapers.** Journal of International Peace Research, n.1, 1965.

GANS, Herbert J. **Deciding what's news: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time.** Edição ampliada comemorativa de 25^o aniversário. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2004.

MARTINS, Maurício Vieira. **Bourdieu e o fenômeno estético: ganhos e limites de seu conceito de campo literário.** In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Vol. 19. N. 56, outubro, 2004.

MICELI, Sérgio. **Bourdieu e a renovação da sociologia contemporânea da cultura.** In: Tempo Social. Revista de Sociologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Vol. 15. N. 1, abril, 2003.

PEUCER, Tobias. **Os relatos jornalísticos.** Tradução de Paulo da Rocha Dias. Revista Comunicação & Sociedade. Universidade Metodista de São Paulo. n. 33, 2000.

RIBEIRO, Lavina Madeira. **Cultura e comunicação em Raymond Williams e Pierre Bourdieu.** In: RIBEIRO, Lavina Madeira. **Comunicação e Sociedade: cultura, informação e espaço público.** São Paulo: E-papers, 2004.

SHOEMAKER, Pamela. J. **Hardwired for news: Using biological and cultural evolution to explain the surveillance function.** Journal of Communication, 46, 1996.

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade.** Revista Estudos em Jornalismo e Mídia. Universidade Federal de Santa Catarina. vol. 2, n. 1, 2005.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento.** Petrópolis (RJ): Vozes, 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. **Tobias Peucer: Progenitor da Teoria do Jornalismo.** In: Revista Estudos em Jornalismo e Mídia. UFSC, v.1, n.2, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística / uma comunidade interpretativa internacional.** 2.ed. Florianópolis: Insular, 2008.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** 8.ed. Lisboa: Editorial Presença, 2003.